

# DIREITOS DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: O *LUGAR* EM SUA POTÊNCIA

---

*Juliana Maddalena Trifilio Dias<sup>1</sup>*

---

## Resumo

Este artigo procura discutir direitos à aprendizagem em Geografia apresentados pelo MEC como pertencente ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Num cenário de oito direitos para serem trabalhados ao longo do ensino fundamental, o texto foi construído a partir de um deles: “*Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem.*” Neste sentido a potencialidade da categoria geográfica – lugar – será elucidada a partir do desenvolvimento de uma atividade em sala de aula que serviu como mote para as reflexões da pesquisa e argumentos neste texto. A pesquisa desenvolvida aponta a Geografia Humanista como uma possibilidade de compreensão do universo investigativo na contemporaneidade ao permitir deslocar diferentes sentidos pautados nas experiências dos sujeitos no lugar. Repensar noções como espaço e lugar propiciam a reflexão sobre a apropriação de diferentes sentidos e saberes na escola e fora dela e nos permite conhecer as relações que os sujeitos constroem no lugar.

**Palavras-chave:** Lugar. Ensino de Geografia. Geografia Humanista.

Os estudantes, ao cursarem a escola básica, carregam conhecimentos decorrentes de suas vivências espaciais, experiências, resultados de seus deslocamentos, moradias

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP.

e convivências com diferentes pessoas e grupos sociais. Todas as pessoas trazem do seu ambiente familiar e cultural saberes que não podem ser desconsiderados. E como essas informações podem ser trabalhadas com os alunos? Como o lugar pode ser tornar objeto desses encontros entre saberes a serem abordados em sala de aula? Como garantir direitos de aprendizagem em Geografia em consonância com tais vivências?

De acordo com os cadernos<sup>2</sup> produzidos pelo MEC para o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, os direitos à aprendizagem em Geografia se inserem no seguinte contexto da Lei 9.394, artigo 16:

“§ 1º. Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.”  
(BRASIL, 2012, p. 38).

Para tanto, oito direitos<sup>3</sup> são apresentados para serem trabalhados ao longo do ensino fundamental e este texto procura discutir um deles: “*Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem.*” (BRASIL, 2012b, p. 39). Esta discussão pretende colocar em

<sup>2</sup> Foi produzido um texto base comum para todas as áreas onde Geografia está situada nos direitos em Ciências Humanas. O direito escolhido está presente nos cadernos divididos por anos e unidades.

<sup>3</sup> Reconhecer a relação entre sociedade e natureza na dinâmica do seu cotidiano e na paisagem local, bem como as mudanças ao longo do tempo./Descrever as características da paisagem local e compará-las com as de outras paisagens./Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem./Ler, interpretar e representar o espaço por meio de mapas simples./Reconhecer os problemas ambientais existentes em sua comunidade e as ações básicas para a proteção e preservação do ambiente e sua relação com a qualidade de vida e saúde./Produzir mapas, croquis ou roteiros utilizando os elementos da linguagem cartográfica (orientação, escala, cores e legendas)./Ler o espaço geográfico de forma crítica através das categorias lugar, território, paisagem e região./Identificar as razões e os processos pelos quais os grupos locais e a sociedade transformam a natureza ao longo do tempo, observando as técnicas e as formas de apropriação da natureza e seus recursos. (BRASIL (b), 2012, p. 39)

consonância o direito à aprendizagem, a dimensão do lugar para geografia e a leitura de mundo dos sujeitos. Para isso, uma atividade desenvolvida em sala de aula se apresentará como mote disparador para reflexões e argumentos, como, também, foi para pesquisa aqui apresentada.

Segundo Leal & Albuquerque (2005), “situações voltadas para autoavaliação e expressão “para si próprio (a)” de sentimentos, desejos, angústias, como forma de auxílio ao crescimento pessoal e ao resgate de identidade, assim como ao próprio ato de investigar-se e resolver seus próprios dilemas [...]” (Leal & Albuquerque, 2005 *apud* BRASIL 2012b, p. 8-9) se apresentam em um cenário com o desafio de pensar a leitura e escrita. Neste sentido, a leitura de mundo através dos afetos sobre o lugar se consolida em sua potencialidade para colocar nossos alunos como protagonistas no registro e leitura de suas experiências. Mas como pensá-la em sala de aula?

Numa determinada aula, sobre ensino de geografia na escola básica, enquanto lecionava para uma turma de futuros professores de geografia ouvia alguns murmurinhos que revelavam inquietação entre os estudantes. Ao perguntar-lhes sobre o que estava acontecendo um aluno disse que os conceitos geográficos que haviam estudado ao longo do curso eram impossíveis de serem abordados na escola. Curiosa e interessada na discussão indaguei sobre quais conceitos e o porquê de tal impossibilidade. Então os alunos mencionaram grandes categorias de análise do espaço geográfico como lugar, paisagem, território e região, e disseram que eram conceitos muitos abstratos e, por isso, não poderiam ser trabalhados com crianças.

Naquele momento uma séria questão se instaurou na classe. Estávamos conversando sobre conceitos estruturantes do pensamento geográfico e, portanto, de algo que atravessa todo o ensino de geografia na escola básica. Aquele incômodo dos alunos não estava fixado na preocupação com “os saberes curriculares, em sua seleção cultural ou em sua transposição didática” (MONTEIRO, 2001, p. 130), mas, em sinalizar que não estavam compreendendo conceitos

geográficos nem identificando suas potencialidades de trabalho na escola.

Os professores terminam seus cursos de graduação num momento formativo que valoriza o saber acadêmico e, ao mesmo tempo, este saber se torna uma preocupação frente aos saberes escolares. Elza Passini (2010) aponta que, na transposição didática, o conteúdo e a forma são indissociáveis, sendo que o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, ele é construído na relação entre eles. Em contrapartida, quando os professores se queixam da dificuldade em realizar essa transposição pela mediação em si ou por sua formação curricular, percebemos o impacto na geografia escolar que os alunos terão acesso, sinalizando que é preciso dialogar sobre as práticas para que possamos refletir e diversificá-las.

O incômodo dos alunos me invadiu e decidi alterar o curso da aula para avançarmos naquela discussão. Solicitei que me dissessem qual conceito mais os inquietava para que pudéssemos construí-lo na sala. Enquanto se entreolhavam e pensavam nos conceitos, um deles se sobressaiu: *lugar*. Pronto! Este passou a ser o tema daquela aula.

## EXPERIÊNCIAS, SENTIDOS E SENTIMENTOS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

A Geografia como ciência do espaço que busca a compreensão das relações entre sociedade e natureza, pode ser vista em várias perspectivas de acordo com as correntes do pensamento geográfico e suas categorias de análise do espaço geográfico, como *lugar*, *paisagem*, *território* e *região*. Minha escolha teórica está em refletir sobre o lugar a partir dos pensamentos de Yi-Fu Tuan<sup>4</sup> em sua diferenciação entre

---

<sup>4</sup> Yi-Fu Tuan, geógrafo chinês, nasceu na década de 1930 e tem sua vida acadêmica consolidada nos Estados Unidos. Apresenta-se como o grande nome da Geografia Humanista. Apesar do distanciamento temporal, suas concepções orientam e alimentam os estudos atuais neste campo. Sua referência chegou ao Brasil na década de 80 alterando o cenário das correntes geográficas vigentes até aquele período. A partir de sua chegada, grandes estudos começaram a ser

*espaço e lugar* como vocábulos que podem ser utilizados por autores de diferentes correntes e perspectivas teóricas, no entanto, vou me adentrar nas noções da Geografia Humanista com sua base na Fenomenologia.

A Geografia Humanista é apresentada através de seus autores como aquela que dialoga com diferentes campos como a Psicologia, Antropologia, Filosofia, Arquitetura, Educação e outros. Segundo Christofolletti (1982), sua base apresenta grandes nomes como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell, valorizando a experiência vivida pelo indivíduo numa perspectiva fenomenológica. (DIAS, 2013). Um dos princípios dessa fenomenologia existencial é a “observação atenta do mundo que nos rodeia” (HOLZER, 1992, p. 75)

Para Ricouer, “no plano fenomenológico, no qual nos situamos aqui, dizemos que nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada circunstância particular. [...] Coisas e pessoas não aparecem somente, elas reaparecem como sendo as mesmas; e é de acordo com essa mesmidade de reaparecimento que nos lembramos delas. [...] O fenomenólogo poderá distinguir ‘lembra-se como... lembra-se que’” (RICOUER, 2007, p. 42-44).

Se podemos nos lembrar daquilo que experimentamos, o sujeito “precisa ser entendido como uma pessoa com experiências de vida e visões de mundo que medeiam sua interpretação dos fenômenos e a estruturação de suas bases de conhecimento e informações.” (MIRANDA, 2007, p. 95). Mas como o lugar, em diferentes escalas, pode convidar lembranças e experiências para leitura de mundo?

Eduardo Marandola Jr. (2012) sinaliza que o lugar não “possui uma escala definida, nem uma temporalidade *a priori* dada. O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida

---

realizados no país. Hoje vivemos um cenário de expansão e consolidação com a atuação de diversos docentes do ensino superior pautando suas pesquisas nesta perspectiva em campos como da Arquitetura, da Educação, da História e da Geografia.

o que significa, definindo-o enquanto tal.” (p. 229). Nesta perspectiva o tempo cronológico e o linear se esvaziam diante do tempo vivido e este é apresentado a partir da intensidade das experiências dos sujeitos em seus lugares no mundo, dessa forma, a experiência não é dada pelo acúmulo de tempo, mas por sua intensidade. As relações estabelecidas na constituição do ser não são aleatórias na internalização de suas experiências e registros de suas lembranças. “O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’ [...]” (DARTIGUES, 2008, p. 22). Neste sentido, como convidar as experiências vividas por nossos alunos à construção do conceito de lugar?

Retomando o incômodo vivido pela classe e na busca por conhecer as experiências vividas pelo grupo, iniciei a atividade pedindo aos alunos que se espalhassem pela sala sem levar qualquer material. Distribuí lápis de cor e folhas A4 coloridas que foram divididas em quatro quadrantes, coloquei uma música para acompanhar aquele momento e solicitei que ficassem em silêncio para que outros sentidos pudessem ser aguçados. Com os materiais em mãos, sugeri que apenas registrassem graficamente, através de desenhos, os quatro pontos que iria conduzir ao longo da atividade. Não era preciso se preocupar com formas e, sim, em expressar por onde suas memórias caminharam durante a atividade.

Enquanto as músicas tocavam requisitei quatro desenhos em momentos, intervalos e músicas diferentes: um lugar preferido na casa, um lugar na cidade, um lugar onde não gostam de ir e um lugar que sonham conhecer. Seus olhares para o papel indicavam que estavam viajando por entre memórias e experiências vividas. Os temas escolhidos foram oportunos para aquela aula, mas inúmeros outros poderiam ser solicitados que fossem apresentados graficamente. Ao final da atividade os alunos puderam espontaneamente partilhar o que sentiram, para onde foram em suas lembranças e o que desenharam. Vejamos por onde caminharam.

## T1 – LUGAR PREFERIDO EM CASA

Cômodos	Quantidade
Quarto	21
Sala	4
Cozinha	2
Quintal	2
Janela do quarto	1
Total:	30

Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2014.

Ao falarem de suas casas, 70% dos alunos apresentaram o quarto como o lugar preferido e outras respostas se dividiram por lugares de convivência. Podemos observar nas transcrições<sup>5</sup> os motivos que eles elegeram como os fundamentais na hora de selecionar o que desenhar, como aquilo que sentem em determinados cômodos da casa, como tranquilidade, paz e concentração.

- *Na minha casa me sinto bem é no meu quarto. Lá posso chegar e ficar tranquilo. Sinto muita tranquilidade lá. Só lá.*” (aluno A1).
- *“Só podia desenhar meu quarto!! (Risos) Passo horas lá porque amo ficar lá!! Nos outros cômodos não consigo nem me concentrar.”* (A12)
- *“Lá em casa não me dou bem com todo mundo... Fazer o quê? Entro e fecho a porta do meu quarto. Lá estou no meu mundo... acho que tenho paz.”* (A3)
- *“Com certeza minha cozinha! Amo! Lá tudo mundo senta, bate papo e comemos coisas deliciosas que minha mãe faz.”* (A5)

<sup>5</sup> As transcrições foram feitas literalmente e os nomes dos alunos foram alterados por códigos alfanuméricos. Além disso, os nomes da instituição de ensino, período letivo, curso e disciplina não serão divulgados.

Quando pedi que desenhassem um lugar na cidade ouvi uma grande reação como “*Mas tem que ser na cidade?*”. “*Na cidade não tem nenhum*”. Os desenhos revelam respostas pulverizadas em espaços públicos e privados na cidade e, não necessariamente, de uso e acesso público, como por exemplo, as casas dos parentes. Com os lugares selecionados podemos visualizar possíveis trânsitos que tecem na cidade.

O espaço urbano se apresenta para o ensino de Geografia como um campo que nos permite conhecer e refletir sobre diferentes olhares dos sujeitos, suas formas de intervenção e apropriações do espaço geográfico. Trata-se de um cenário que materializa as relações entre sociedade e natureza na produção do espaço geográfico.

## T2- LUGAR NA CIDADE

Lugares desenhados	Quantidade
Campus da UFJF	7
Mirante do Morro do Cristo	5
Casa de parentes	4
Praças	4
Museu Mariano Procópio	3
Pizzaria/restaurante	3
Instituição religiosa	2
Rua	2
Total	30

Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2014.

Os lugares que elegeram na cidade sinalizam conquistas pessoais, como o campus da universidade; hábitos familiares, como instituições religiosas e casa de parentes; pontos de convivência como pizzaria/restaurante, praças e rua e outros como pontos de um turismo oficial, como o museu e o mirante. Estas respostas nos permitem construir inúmeros diálogos com nossos alunos e conhecer suas vivências urbanas entre espaços públicos e privados.

Os estudantes desenharam o que imediatamente veio-lhes à mente. Seus desenhos revelam experiências vividas em diversos lugares e suas apresentações estão associadas à alguma circunstância neles especializada. Os comentários sobre “lugares que não gostam de ir” tiveram relação direta com o medo e/ou uma experiência negativa vivida ou imaginada. Tais experiências pautam visões de mundo e atitudes na cidade, como por exemplo, a escolha entre ir e vir entre determinados pontos no espaço urbano.

- *“Nunca fui a cemitério, mas tenho medo... não vou lá não...”* (A30)
- *“Amo muito meu pai, só de imaginar viver sem ele ficou mal... por isso não gosto de cemitério. Mas calma gente, ele está vivo!”* (A27)
- *“Conheço várias pessoas que já foram assaltadas no túnel. Não sou nem doida de passar por lá.”* (A14).

### T3- LUGARES QUE NÃO GOSTAM DE IR

Lugares desenhados	Quantidade
Cemitério	8
Hospital	6
Praça ou algumas ruas	4
Túnel do Shopping	3
Presídio	2
Favela	1
Ponto de Ônibus	1
Mato	1
Igreja	1
Não desenharam	3
Total	30

Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2014.

Segundo Dias (2010) ao refazer uma cena mentalmente,

o indivíduo tem a capacidade de sentir novamente aquilo que associou ao espaço da cena. Por exemplo, um sujeito que é assaltado próximo ao túnel, pode mentalmente associar este espaço ao medo sentido no momento da ação. Além dessas situações, o sentimento pelo lugar pode mudar ao longo das experiências adquiridas pelo sujeito, para tanto, a cada instante um universo de possibilidades de relações com o espaço pode ser ativado pelos sentidos humanos. Logo, é possível valorizar os aspectos subjetivos dos sujeitos nessa relação com sua percepção espacial nesta chave de leitura oferecida pela abordagem humanista.

De acordo com Lynch (1997), “na maioria das vezes nossa percepção de cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles.” (p. 2). É o medo sentido como um propulsor de combinação de signos revelados nas imagens de diferentes lugares.

Ao longo do texto tenho enfatizado o teórico Y-Fu Tuan que considera que a percepção do lugar atua na formação do sujeito, bem como em sua visão de mundo e o modo como nele se posiciona. Baseado naquele autor, Rocha (2007) corrobora com sua ponderação sobre percepção:

como uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que ocorre através de mecanismos perceptivos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas). (ROCHA, 2007, p. 24).

Essa atividade que envolve sensações, cognição, avaliação e postura diante do mundo, está intimamente ligada ao processo de formação do sujeito, bem como o modo como ele vai se constituindo ao longo de suas experiências. Esse processo envolve a construção de imagens mentais de lugares ainda não visitados, mas que já afetam e mexem com a imaginação dos sujeitos. Acompanhe os lugares que os alunos sonham em conhecer.

#### T4- LUGAR QUE SONHA CONHECER

Lugares desenhados	Quantidade
Alguma cidade ou país na Europa	9
Alguma cidade no Brasil	6
Alguma cidade na América do Norte	3
Alguma cidade ou país na África	2
O mundo todo	2
Alguma ilha	2
Montanha	1
Lugar onde família morou	1
Alguma fazenda	1
Não desenharam	3
Total	30

Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2014.

Os alunos desejam conhecer lugares por motivos diversos. A vontade pode ter nascido de filmes, fotografias, livros, relatos, reportagens e outros motivos que vão mediando experiências in loco e aquelas imaginadas.

- *“Meu sonho é conhecer uma cidadezinha da Europa que vi num filme antigo.” (A23)*
- *“Ouço tantas histórias bonitas na terra dos pais que tenho muita vontade de conhecer, sabe? Ver como era vida deles.” (A8)*
- *“Parece bobo, mas nunca fui numa fazenda. Acho que todo mundo já foi... queria ir... Deve ser legal aquele cheiro de terra...” (A11)*

Os sentidos e as experiências de outras pessoas aguçam a imaginação e o desejo de mover-se por lugares conhecidos apenas mentalmente. As diferentes narrativas e linguagens são fundamentais para acentuar a construção de tais imagens. Registrar e partilhar tais experiências se apresentam como

habilidades que potencializam a leitura de mundo de nossos alunos.

A atividade desenvolvida teve sua base na escuta dos sujeitos a partir de suas experiências espacializadas que a partir da dimensão do lugar revelam aquilo que temos discutido no direito à aprendizagem escolhido para este texto: “*Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem.*” (BRASIL, 2012b, p. 39).

Relph (2012) apresenta que “o lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco.” (p. 31). Neste sentido, consideramos o “mundo tanto o conjunto físico de seus arredores como a própria ordem de sentido que torna a existência compreensível para nós.” (SARAMAGO, 2012, p. 195). “‘Mundo’, para uma ciência fenomenológica, está na essência do significado de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. ‘Mundo’ para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial.” (HOLZER, 2012, p. 290).

Neste aspecto, o lugar “[...] é a busca por um entendimento fenomenológico da experiência contemporânea” (MARANDOLA JR., 2012, p. 230). Segundo Relph (2012) “um lugar ‘reúne’ ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única.” (p. 22). “*Ser* implica, inescapavelmente, *estar* em ou *pertencer a* algum lugar.” (SARAMAGO, 2012, p. 204).

A palavra ‘lugar’ significa originalmente ponta de lança. Na ponta de lança, tudo converge. No modo mais digno e extremo, o lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz tudo o que recolhe de maneira a somente assim entregá-lo à sua essência. (HEIDEGGER, 2004, *apud* SARAMAGO, 2012, p. 223).

Esta ponta de lança que recolhe experiências, afetos,

sentidos e sentimentos é um convite à leitura de mundo de nossos alunos. Decodificamos o mundo partir daquilo que nele vivemos e nos posicionamos junto com nossas experiências acumuladas. Se o direito à aprendizagem em geografia nos aponta, “*conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem.*”, como não mirar o que a ponta da lança aglutina?

Segundo Dardel (2011), a base de nossa existência é o lugar, portanto, sujeito, experiência e lugar são indissociáveis. Mas em sala de aula também têm sido dessa forma? Os estudantes da pesquisa tiveram a oportunidade de trabalhar seus diferentes sentidos através das cores, músicas e aquilo que os conduzia por suas lembranças. Tivemos a oportunidade de partilhar experiências que os levaram à construção conceitual de lugar. Ao final alguns diziam: “*Ab... então é isso... Nunca tinha pensando que minha vida ajudaria a entender o que é o lugar*” (A19). Essa inversão metodológica favoreceu a conceituação após a experiência em sala de aula que os colocou em contato, através da memória, com seus lugares de afeto.

Christofoletti nos aponta que “a Geografia Humanística<sup>6</sup> procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares.” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 22).

Com a noção que “para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente” (*Ibid*, p. 22), ao valorizar a percepção, atitudes, gostos e particularidades dos lugares, a Geografia Humanista diferencia *espaço* e *lugar*, com o grande marco na relação entre o indivíduo e o lugar.

Para Tuan, “uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências ancestrais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente

<sup>6</sup> Alguns autores como Antonio Christofoletti a denominam Humanística e não Humanista.

prepara a imagem pública.” (TUAN, 1982, p. 156). O autor considera que a percepção do lugar atua na formação do sujeito, bem como em sua visão de mundo e o modo como nele se posiciona.

Com esse modo de ver o sujeito com sua relação espacial, o lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas e o estudo do espaço irá procurar analisar seus sentimentos e ideias sobre tal espaço. Para Tuan (1983), o *espaço* familiar torna-se *lugar*, “o espaço é abstrato e o lugar é concreto” (Tuan, 2011, p. 14) em virtude de mantermos nossas relações nos lugares.

As imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que havia de mais estável. (HALBWACHS, 2003, p. 159-169).

Em Tuan (1983), “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar”. (p. 158). “O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, a poltrona preferida, no meio a pátria e no outro toda a Terra.” (p. 165). Ele funcionaria como um “arquivo de lembranças afetivas” (p. 171). “lugar é pausa no fluxo do tempo” (p. 219). Neste sentido, a experiência se dá ao conhecermos o mundo através da sensação, percepção e concepção.

O sentido de lugar é adquirido após um período de tempo. Quanto tempo? Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecemos em uma localidade melhor a conhecemos e mais profundamente significativa se tornará

para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira. Conhecer subconscientemente com os sentidos passivos do corpo – particularmente o olfato e o tato – exige longo tempo de permanência. Conhecer com a visão e a mente exige muito menos tempo. (TUAN, 2011, p. 13).

O modo como as experiências do indivíduo interferem em sua percepção sobre determinado lugar é imprescindível na aprendizagem espacial. O termo experiência não foi usado no texto como acúmulo ao longo do tempo, e sim, considerando as experiências das crianças e adultos. Experiências estas que revelam sentidos e sentimentos pelos lugares.

## O LUGAR COMO CAMINHO, PARTIDA E CHEGADA

O lugar pelo aporte da Geografia Humanista foi apresentado neste texto a partir da dimensão do afeto do sujeito e elucidado pela pesquisa em sala de aula. Este espaço que é dotado de valor com base nas experiências que construímos no mundo, nos permite diferenciá-lo de outros espaços que desconhecemos internamente, ou seja, daqueles espaços que, ainda, não afetaram nossos sentidos e sentimentos. Esta perspectiva, quando convidada para a sala de aula, permite que professores e estudantes possam partilhar sobre suas percepções e experiências de mundo. Essa condição de diálogo favorece a leitura de mundo ao se “aprender a pensar sistemática e metodicamente sobre as coisas vistas. Portanto, exige muito mais do que ‘ver’ as coisas; implica perceber o que elas são e por que estão sendo do modo como apresentam.” (GHEDIN, 2011, p. 73).

O lugar pela experiência se consolida como pressuposto para a construção conceitual do termo. Esse caminho metodológico, que convida à experiência em sala e fora dela para depois conceituar, proporciona que o sujeito se coloque como protagonista de sua realidade e frente ao conceito geográfico de lugar. Um dos objetivos desse texto foi evidenciar a força da relação entre sujeitos e experiência na percepção do espaço. Conhecer a visão de mundo do aluno e relacioná-la, segundo a Geografia Humanista, com suas

experiências e atitudes indica um caminho no processo educativo que, efetivamente, coloca em diálogo os saberes escolares e os não escolarizados diante do direito de “*Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar: os elementos da cultura, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem.*”<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Direitos de Aprendizagem do Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental*. MEC: Brasília, 2012a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Os diferentes textos em salas de alfabetização*. Ano 01. Unidade 05. MEC: Brasília, 2012b.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. 318p.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2008. 10<sup>a</sup> ed.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 4, Dec. 2013.

\_\_\_\_\_. *Crianças e Favelas: Percepções, Mediações e Sentidos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

GHEDIN, Evandro & FRANCO, M.A.S. *Questões de Método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

---

<sup>7</sup> (BRASIL, 2012b, p. 39).

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JR, E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L. (orgs.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-303.

MARANDOLA JR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L. (orgs.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247.

MIRANDA, S. R. *Sob o signo da memória: cultura escolar, saberes docentes e história ensinada*. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

MONTEIRO, A. M. F. C. PROFESSORES: ENTRE SABERES E PRÁTICAS. *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 74, Abril/2001. p. 121-142.

PASSINI, E. Y. *Prática de Ensino e estágio supervisionado em Geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.

RELPH, E. Reflexões sobre a Emergência, Aspecto e Essência de lugar. In: MARANDOLA JR, E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L.(orgs.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-31.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

ROCHA, Alexandre Samir. *Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo*. RA´E GA, n. 13, p. 19-27, 2007.

SARAMAGO, L. O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR, E. & HOLZER, W. & OLIVEIRA, L.(orgs.) *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 193-225.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, v. 01, n. 01, inv. 2011.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar – a perspectiva da experiência*. Trad. Lívia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

## LEARNING RIGHTS IN GEOGRAPHY: THE *PLACE* IN ITS POWER

---

### Abstract

This article discusses the right to learn Geography presented by Brazil's Ministry of Education (MEC) as recognized in the National Pact for Age Appropriate Literacy. In the context of the Pact's eight rights to be exercised throughout the elementary school, the article is built on one of them: "*To know and value the relationships between people and place: the elements of culture, identity and affective relationships with the place where they live*". The term 'place' allows for the potential of the geographic category and is treated here in a classroom experiment to serve as a motto for the reflections around the research and arguments in this text. The research points out Humanistic Geography as a possibility of understanding the contemporary investigative universe by allowing to shift different meanings based on subjective experiences in place. Rethinking notions of space and place provides a reflection on the appropriation of different meanings and knowledge in school and beyond and allows us to know the relationships that subjects construct in place.

**Keywords:** Place. Geography Teaching. Humanistic Geography.

Data de recebimento: agosto 2014

Data de aceite: setembro 2014